



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS — UFAL
CAMPUS DO SERTÃO

ERICLES SILVA DOS SANTOS

DOCUMENTAÇÃO DE NARRATIVAS DA COMUNIDADE KALANKÓ

Delmiro Gouveia

2021

ERICLES SILVA DOS SANTOS

DOCUMENTAÇÃO DE NARRATIVAS DA COMUNIDADE KALANKÓ

Trabalho apresentado ao Curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas – *Campus* do Sertão, como requisito parcial para a conclusão do curso de licenciatura plena em Letras – Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Fábiana Pereira da Silva

Delmiro Gouveia

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

ERICLES SILVA DOS SANTOS

DOCUMENTAÇÃO DE NARRATIVAS DA COMUNIDADE KALANKÓ

Trabalho de Conclusão do Curso de Letras - Português, sob a orientação da Professora Doutora Fábيا Pereira da Silva, apresentado à Banca Examinadora como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovado em 27 de setembro de 2021.

Banca examinadora



Profa. Dra. Fábيا Fulni-ô - Orientadora

Documento assinado digitalmente



Marcio Ferreira da Silva

Data: 23/11/2021 15:38:13-0300

Verifique em <https://verificador.itl.br>

Prof. Dr. Márcio Silva – curso de Letras (UFAL- Campus do Sertão)
Examinador Interno



Profa. Dra. Débora Massmann – curso de Letras (UFAL- Campus do Sertão)
Examinadora Interna

DELMIRO GOUVEIA (AL)

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S237d Santos, Ericles Silva dos

Documentação de narrativas da comunidade Kalankó / Ericles
Silva dos Santos. – 2021.
37 f. : il. ; 30 cm.

Orientação: Fábila Pereira da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal
de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Linguística. 2. Documentação linguística. 3. Tradição
oral. 4. Kalankó. 5. Povos originários. 6. Indígenas. 7. Narra-
tivas. I. Silva, Fábila Pereira da. II. Título.

CDU: 81'28

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Deus criador, que proporciona o ar que respiramos e o sopro da vida. A toda comunidade Kalankó pela recepção, pela generosidade, hospitalidade e toda gentileza. Depois de várias visitas, pude perceber outra forma de ver o mundo pelo viés espiritual e admirar e cuidar da natureza da maneira correta, pois ela nos dá suporte para a nossa existência e espiritualidade. Pude respirar o ar leve da aldeia e testemunhar as boas vindas que o povo Kalankó oferece.

Em especial, agradecemos ao cacique Paulo e ao pajé Antônio, que nos receberam de braços abertos e proporcionaram ótimos encontros na aldeia. A D. Jardilina, mulher simples, que me recebeu com bastante alegria e hospitalidade, me contou muito da sua vida e de suas “receitas de cura”. A Antônio Silva, por todas as conversas sobre a comunidade e sobre o município. Foram pessoas maravilhosas, que me receberam dentro dos seus lares.

Ao curso de Letras, da UFAL Sertão, o qual me qualificou muito bem para a profissão docente, sempre abordando temas atuais e fazendo com que a gente se esforçasse ao máximo para termos uma boa formação, nos dando toda a assistência necessária para o exercício da nossa profissão. A todos os professores do curso de Letras. Em especial, aos professores Ismar Inácio, Murilo, Márcio, José Roberto, Heder. Aos amigos João Marcos e Geovâneo, foram muitas conversas nos corredores da universidade e debates sobre os assuntos abordados no dia a dia do curso de Letras. Às amigas Herlane, Camila, Lucilene, Maria Valéria e a todos os amigos e amigas que fizeram parte dessa caminhada junto comigo.

A minha professora e orientadora Fábila Fulni-ô, a quem sempre admirei o seu trabalho como pesquisadora em Línguas Indígenas e me incentivou bastante a querer cada vez mais pesquisar sobre essa comunidade indígena, desde as aulas sobre Línguas Indígenas, Fonética e Fonologia. Sem a sua orientação, não seria possível a realização deste trabalho.

À minha família, que sempre me levou para visitar a aldeia Kalankó, durante a minha infância, meus pais já me levavam para visitar a aldeia, sempre achei interessante o fato de uma aldeia indígena existir dentro do município e virem pessoas de fora para conhecer e estudar o local. Foi com bastante emoção que retornei à comunidade para realizar este trabalho e deixar alguns registros para a memória da comunidade na UFAL – Sertão e na própria aldeia.

Agradeço a minha mãe, mulher guerreira que, com muito esforço, fez de tudo para que eu chegasse até a universidade e pudesse concluir o curso de Letras, sempre esteve ao meu lado em todas as dificuldades e me aconselhou bastante durante a minha formação acadêmica

e pessoal. Minha mãe, Eliane Silva, também já foi professora no povoado Lajeiro do Couro (lugar onde está localizada a aldeia Kalankó). À minha avó, Doralice, que me incentivou desde cedo a estudar e procurar fazer uma graduação, também foi uma das pessoas responsáveis por me apresentar ao povo Kalankó. Desde sempre deu muito apoio a alguns moradores da comunidade, acompanhando-os para fazerem exames médicos, na capital e em cidades do sertão e agreste de Alagoas, entre outros feitos.

Agradeço ao meu pai, Cloves, responsável por me levar à aldeia quando eu ainda era criança. Formado em Letras – Língua Portuguesa/ Inglesa, também me encorajou a desenvolver minha pesquisa na aldeia. Me acompanhou em todas as visitas à comunidade e ajudou, em grande parte, tornar possível as conversas com os moradores da comunidade, visto que já fazia bastante tempo que eu não frequentava a aldeia e pelo fato de ele ser bem próximo aos moradores de lá, o que facilitou a conversa com as lideranças da comunidade e com os moradores.

RESUMO

Este trabalho trata de um projeto de documentação de narrativas contadas por indígenas da comunidade Kalankó com o intuito de colaborar para a preservação e valorização da tradição oral, de clara importância para manter vivos os costumes e a sabedoria ancestral, que muito têm a nos ensinar tanto sobre os povos originários quanto sobre sociedade moderna. O trabalho é de natureza documental, com metodologia qualitativa, e registra e analisa as narrativas obtidas na comunidade através de 4 habitantes. Utiliza-se como referencial teórico os conhecimentos de Herbetta (2005), Aguiar e Pereira (2017), Silva (2020), Eberhard (2013), Roland Barthes (1981) e Benjamin (1986). Esse trabalho contribui trazendo um levantamento e registro da história vivida pelos aldeões desde a chegada ao local onde vivem até os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Documentação linguística. Kalankó. Narrativas. Tradição Oral.

ABSTRACT

This work deals with a project for documenting narratives told by indigenous people of the Kalankó community to contribute to the preservation and enhancement of oral tradition, which is important to keep alive the customs and ancestral wisdom, which have so much to teach us about original peoples and modern society. The work is documentary in nature, with qualitative methodology, and records and analyzes the narratives obtained in the community through 4 inhabitants. It is used as theoretical reference the knowledge of Herbetta (2005), Aguiar and Pereira (2017), Silva (2020), Eberhard (2013), Roland Barthes (1981), and Benjamin (1986). This work contributes by bringing a survey and report of the history lived by the inhabitants since their arrival at the place where they live to the present day.

KEYWORDS: Linguistic documentation. Kalankó. Narratives. Oral tradition.

SUMÁRIO

1. PRIMEIROS PASSOS	10
2. DOCUMENTAR PARA PRESERVAR	12
2.1. Documentação Linguística	12
2.2. Metodologia	14
2.3. Lista dos arquivos e duração	15
2.4. Comunidades de tradição oral.....	16
2.5. A narrativa	18
2.6. O narrador.....	20
3. O POVO KALANKÓ E SUAS NARRATIVAS	22
3.1. NARRATIVAS KALANKÓ: DESCRIÇÃO E COMENTÁRIOS	24
3.1.1. Narrativa 1: PAS_NAR_001	24
3.1.2. Narrativa 2: JMS_NAR_002	25
3.1.3. Narrativa 3: ADS_NAR_003	26
3.1.4. Narrativa 4: AFS_NAR_004	27
3.1.4. Narrativa 4: AFS_NAR_004	28
3.1.5. Narrativa 5: AFS_NAR_005	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34
ANEXOS	36

1. PRIMEIROS PASSOS

O presente trabalho aborda uma discussão sobre a documentação linguística e documental narrativas orais de povos originários. Durante o decorrer do trabalho, discorreremos sobre a importância da documentação linguística, com foco nas narrativas contadas pelos indígenas da aldeia Kalankó, povo originário do estado de Pernambuco, que vive atualmente no município de Água Branca, no alto sertão alagoano.

No desenvolver do trabalho, vemos a importância da tradição oral nesta comunidade, documentamos estas narrativas e, em seguida, através das análises dos dados obtidos, tecemos considerações acerca das narrativas contadas por moradores e ex-moradores da aldeia, exemplificando a importância de documentar estas narrativas para que sejam preservadas na memória do povo Kalankó e fiquem à disposição de pesquisadores que desejem utilizar os dados obtidos em campo para trabalhos futuros.

Para tanto, dialogamos com teóricos como Herbetta (2005), Aguiar e Pereira (2017), Silva (2020), Eberhard (2013), Roland Barthes (1981) e Benjamin (1986), trazendo a discussão para o meio acadêmico e especificando o porquê de documentar estas narrativas.

Pelo fato de os Kalankó não possuírem língua materna, focaremos nas narrativas orais em língua portuguesa. Procuramos por histórias contadas por moradores sobre o dia a dia, sobre os costumes da comunidade, rituais de cura, receitas medicinais, receitas culinárias, mitos e/ou lendas, que possam estar presentes na tradição do povo Kalankó, que são ensinadas para as gerações mais novas. Para isso, fizemos entrevistas com os moradores, com o objetivo de registrar estas narrativas, analisar e desenvolver um trabalho voltado para a preservação desses costumes e revitalização desta tradição, para que não venha a desaparecer com o passar do tempo e evitar que tanto os jovens, quanto os mais velhos, deixem esta cultura se esvaír.

Em seguida, falaremos sobre a localização da aldeia Kalankó, que está localizada na zona rural do município de Água Branca, alto sertão de Alagoas, no povoado Lajeiro do Couro, próximo ao povoado Santa Cruz do Deserto, povoado pertencente ao município de Mata Grande (AL).

Falamos do processo metodológico, a partir das leituras de Aguiar e Pereira (2007) e Silva (2010, 2016), trazendo observações essenciais à pesquisa, explicando os métodos utilizados desde a coleta dos dados, como foram as conversas com os moradores, para explicar do que se tratava a pesquisa, a escolha de pessoas de diferentes idades e gênero, até à análise dos dados obtidos, para que a pesquisa atenda a todos os critérios exigidos para o trabalho ser concluído de forma organizada.

Explicamos a forma com que demos início à coleta destes dados, do tipo de abordagem feita aos entrevistados, falamos também do material tecnológico, que teve uma grande importância na coleta e análise dos dados, proporcionando gravações de voz, em formato digital. A tecnologia tem um importante papel no trabalho de documentação: além da praticidade em executar determinadas tarefas, podemos usufruir de ferramentas muito compactas e tecnológicas, que nos permitem fazer registros de vídeo, áudio ou voz com mais qualidade e agilidade.

Trazemos alguns recortes das entrevistas transcritas, nas quais os entrevistados contam histórias sobre a origem dos Kalankó, contam como foi difícil cada conquista, desde o momento que chegaram ao município de Água Branca, até os dias atuais, como foi o reconhecimento da comunidade diante dos órgãos responsáveis pelo registro do povo Kalankó como povo indígena, a conquista do direito à educação e do direito à saúde, até à luta pela demarcação do território da aldeia.

Tratamos sobre a teoria da narrativa, através dos conhecimentos de Barthes (2008) e Benjamin (1994), discutindo sobre a análise estrutural das narrativas e aspectos do narrador. Trazemos também, a importância da tradição oral e o quanto esse fenômeno pode ser explorado, contribuindo para uma riqueza cultural e imaterial. Ressaltamos a necessidade de documentação dessas narrativas, para que esses saberes não sejam esquecidos ou ignorados. Assim, é necessária a preservação dessas narrativas, que possuem uma grande bagagem de conhecimento. Ao final, trazemos considerações acerca do trabalho, apresentando a relevância do trabalho tanto para o meio acadêmico, quanto para a comunidade Kalankó.

2. DOCUMENTAR PARA PRESERVAR

2.1. Documentação Linguística

O processo de documentação linguística é de fundamental importância para a preservação e reconhecimento de uma língua, para que essa língua não seja extinta. Não é novidade que muitas línguas maternas, faladas por povos originários, correm grandes riscos de serem apagadas da memória desses povos. Há algum tempo, por motivos naturais ou por causa da globalização, muitas línguas originárias estão caindo em desuso, muitas comunidades de povos tradicionais optaram por falar uma língua secundária ao invés da sua língua materna, na maioria das vezes por conta da facilidade na comunicação em sociedade, o que leva a um grande desuso de sua língua mãe e, conseqüentemente, um apagamento dessa língua.

O dano causado pela perda dessas línguas é enorme e traz consigo um enorme prejuízo para a ciência, pois acaba extinguindo alguns conhecimentos de grande relevância para a humanidade, EBERHARD (2013, p. 6) apresenta um levantamento dessas perdas:

- A perda de um vocabulário rico em domínios de conhecimento cultural, incluindo conhecimentos medicinais e biológicos, de flora e fauna. O nosso conhecimento do mundo (a ciência) perde.

- A perda de uma cosmovisão única, com perspectivas sobre o mundo que também são únicas. O nosso conhecimento das culturas humanas (antropologia) perde.

- A perda de um sistema linguístico único, que nunca mais será repetido (sem ele a tarefa de descrever as línguas humanas fica empobrecida pela falta de diversidade). Nosso conhecimento da linguagem humana perde.

- A perda de identidade histórica, deixando um povo sem o seu passado, sem as suas raízes (o resultado disso pode ser visto nas etnias onde os jovens estão sofrendo uma crise de suicídios, vivendo numa sociedade desligada com seu passado e sem esperança para o futuro). O povo perde.

- A perda de oportunidades para o povo ser multilíngue. O povo perde de novo.

Junto com o apagamento de uma língua materna, temos também o esquecimento de costumes e tradições que estão atrelados à cultura de um povo, suas crenças, suas histórias, seus saberes; o que torna ainda mais difícil a preservação dessas tradições, podendo causar o desaparecimento de toda essa riqueza linguística e cultural. Então, como podemos agir diante dessa problemática? Através da documentação linguística, há muitas chances de preservar a cultura de um povo, para que não ela desapareça, junto com as tradições e conhecimentos que

podem retratar a identidade desse povo, seja falante da língua materna ou que tenham a língua portuguesa como segunda língua, o que não impede que seus costumes e tradições sejam preservados.

O intuito da documentação das narrativas do povo Kalankó é a preservação desses costumes, conhecimentos passados de gerações mais velhas para as mais novas, tal como sua revitalização, para impedir que esses saberes sejam perdidos ou apagados da memória da comunidade. Com a documentação dessas narrativas, podemos preservar a história de um povo, seus costumes, suas crenças, sua tradição, falares característicos desta comunidade, variações linguísticas, receitas culinárias, medicinais e etc. Utilizando métodos de documentação, apresentados em Aguiar e Pereira (2007) e Silva (2010), podemos contribuir para que as gerações futuras possam ter acesso aos saberes deixados pelos seus antepassados, em forma de documento, imagens, vídeos e transcrições de algumas entrevistas.

Os dados foram gravados em áudio e armazenados junto com as transcrições. Seguindo as recomendações de Aguiar e Silva (2007) e Silva (2010), foram armazenados também fichas com as informações sobre os/as entrevistados/as para as coletas, tais como idade dos/das entrevistados/as, lugar em que reside, gênero, escolaridade e autorização da utilização dos dados coletados para serem utilizados e publicados no trabalho. Antes de partirmos para a coleta de dados, procuramos saber sobre a disponibilidade das pessoas para nos receber, o contexto cultural da comunidade Kalankó, alguns possíveis fenômenos linguístico-culturais que poderiam ser encontrados no decorrer das conversas e sobre os seus falantes.

Uma importante aliada neste trabalho foi a tecnologia, que proporcionou uma facilidade na comunicação com os líderes da comunidade e as gravações de voz em formato digital. A tecnologia tem um importante papel no trabalho de documentação, além da praticidade em executar determinadas tarefas, podemos usufruir de ferramentas muito compactas e tecnológicas, que nos permitem fazer registros de vídeo, áudio ou voz com mais qualidade e agilidade. Apenas com um *smartphone* já é possível fazer a coleta e deixar os dados registrados, para que futuramente possam ser analisados tanto pela comunidade científica, quanto para servir de suporte documental para a aldeia, para revitalização de conteúdo cultural e/ou memorial.

O trabalho de documentação não poderia ser realizado se não contássemos com a participação dos moradores da comunidade na coleta desses dados, uma boa coleta pode trazer grandes contribuições para o trabalho que está sendo desenvolvido. Com as indicações do cacique e do pajé, foi possível encontrar rapidamente pessoas a serem entrevistadas, desde pessoas idosas, com muita experiência em receitas com plantas medicinais, rituais e histórias

da aldeia, até os mais jovens, que (alguns) possuem ensino superior ou espaço de relevância e de muito potencial dentro da comunidade.

2.2. Metodologia

Com base no texto “Pesquisa em Letras” (AGUIAR; PEREIRA, 2007) e “Povo Fulni-ô: Documentando sua língua e sua cultura” (SILVA; COSTA, 2010), descrevemos os métodos utilizados na pesquisa, na coleta dos dados e na análise desses dados, para a conclusão do trabalho. Inicialmente, pensamos em entrevistas com sete pessoas, porém, devido às limitações e não participação de algumas pessoas da aldeia, o trabalho foi realizado com quatro pessoas, apesar disto, conseguimos uma quantidade considerável de dados para a análise e para o desenvolvimento do trabalho.

O trabalho é de natureza documental. Para isso, as entrevistas foram gravadas em áudio, com o intuito de ouvir as pessoas da comunidade e documentar as narrativas contadas por elas, o que pode servir de acervo histórico/documental para a comunidade e para o meio acadêmico. Ao todo, foram entrevistadas quatro pessoas, três homens e uma mulher, que já tiveram diferentes funções na comunidade, com idades entre 36 e 64 anos. Dessas entrevistas, obtivemos cinco narrativas, que foram registradas, transcritas, documentadas e disponibilizadas nos anexos do presente trabalho.

Para a coleta dos dados, explicamos que as entrevistas seriam gravadas em áudio e documentadas, para serem posteriormente utilizadas no trabalho. Pedimos para que os entrevistados contassem histórias da comunidade, desde as mais curiosas, sobre a instalação do povo Kalankó naquele local, episódios interessantes acontecidos na comunidade, até algumas lendas/mitos presentes no folclore local, sobre vivências pessoais também. Isto, visando uma forma de obtermos os dados com maior naturalidade possível, com o intuito de fazer com que os/as entrevistados/as tivessem mais facilidade para falar, é importante que o entrevistador esteja atento a esses detalhes e faça o melhor para que a conversa ocorra de forma descontraída e tranquila.

Não partimos de um questionário ou roteiro previamente organizados para iniciarmos as entrevistas, apenas pedimos para que contassem histórias sobre a aldeia, desde a sua origem até as mais curiosas, para facilitar, assim, o registro em áudio de toda a conversa. Para a coleta dos áudios, utilizamos um *smartphone* Motorola One XT1941-3. Não foi possível a aquisição de equipamento profissional para coleta devido à falta de recursos financeiros para o desenvolvimento da pesquisa.

Para a realização da coleta dos dados, procuramos locais sem muito barulho, na maioria das vezes, sugeridos pelos próprios entrevistados (suas próprias casas, locais afastados de ruídos artificiais e etc.), para que ficassem à vontade e falassem o que tinham para falar. Como resultado, a maioria das entrevistas foram tranquilas e bem interativas. Apenas na conversa com o Pajé Antônio (AFS_NAR_004; duração: 3m48s) ouvimos o som de alguns animais, que ocorreu de forma inesperada.

Para a autorização do uso dos dados coletados para análise e possível publicação, utilizamos alguns formulários, que se encontra nos anexos do trabalho, com tópicos referentes aos dados a serem preenchidos ao longo da entrevista, tanto pelo entrevistador quanto pelo entrevistado. Todos/as os/as participantes reagiram bem ao fato de as entrevistas serem gravadas e permitiram que os registros em áudio fossem utilizados na realização do presente trabalho.

Na análise dos dados, discorremos sobre os dados obtidos durante os dias em que visitamos a aldeia e conversamos com os moradores. Foi um período de muito aprendizado. Muitos saberes foram aprendidos, desde o aspecto cultural, que é possível observar em todas as entrevistas, até à organização política da aldeia, passamos a conhecer mais sobre a função de cada morador e as dificuldades/prazeres que cada morador enfrenta/desfruta na organização da comunidade. A análise parte da relação das entrevistas com a fundamentação teórica e o contexto da comunidade, buscando observar como essa tradição oral é passada de geração em geração e qual a importância desse fenômeno para a preservação da cultura presente na aldeia, mantendo viva a tradição do local.

A transcrição das conversas foi feita de forma ortográfica, utilizamos, em uma pequena parte do trabalho, aplicativos de transcrição, o que não ajudou muito, pois os aplicativos não conseguiram transcrever grande parte dos materiais gravados em áudio com excelência, o que nos obrigou a fazer a transcrição de maneira ortográfica. Houve muita dificuldade, mas conseguimos transcrever as entrevistas de forma considerável.

2.3. Lista dos arquivos e duração

Cada arquivo de áudio foi nomeado com abreviações dos nomes dos entrevistados. Por exemplo, PSS_NAR_001: as três primeiras letras (PSS) indicam as iniciais do nome completo do entrevistado; as outras três letras (NAR) indicam que os áudios contêm narrativas; o número indica a ordem em que a entrevista ocorreu (no exemplo, a primeira). Fizemos

isso com o intuito de facilitar a identificação durante a referenciação e localização dos arquivos no trabalho. Os arquivos estão disponibilizados em um repositório online, disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1TH0wFLmRYCrnaA1St_5iiMuckCR69IKR?usp=sharing> .

Abaixo, estão listados os arquivos:

Narrativa 1: PAS_NAR_001; duração: 4m29s de gravação; Autor: Paulo Antônio dos Santos

Narrativa 2: JMS_NAR_002; duração: 4m25s de gravação; Autor: Jardilina Maria da Silva

Narrativa 3: ADS_NAR_003; duração: 8m49s de gravação; Autor: Antônio da Silva

Narrativa 4: AFS_NAR_004; duração: 3m48s de gravação; Autor: Antônio Francisco dos Santos

Narrativa 4: AFS_NAR_004; duração: 8m51s de gravação; Autor: Antônio Francisco dos Santos

Narrativa 5: AFS_NAR_005; duração: 2m18s de gravação; Autor: Antônio Francisco dos Santos

2.4. Comunidades de tradição oral

Comunidades de tradição oral são grupos de pessoas que convivem em uma determinada localização e repassam o conhecimento adquirido com os seus ancestrais através de histórias narradas oralmente, em forma de cantorias, poesias, narrativas, receitas culinárias, medicinais etc. Estes saberes são passados de geração para geração, fazendo com que a geração mais nova tenha acesso aos saberes deixados pelos seus antepassados e tenha acesso a toda a riqueza cultural presente naquela comunidade, superando barreiras físicas e espaços geográficos. Segundo Silva (2017, p. 32),

Falar de uma tradição não é a mesma coisa que expor sobre o acúmulo histórico de uma determinada comunidade, ou seja, uma tradição não é o catálogo do montante de um conhecimento. As tradições são processos de transmissão de saberes de geração em geração, que diz respeito à ancestralidade e à espiritualidade, fazendo sentido na constituição da comunidade, e ao mesmo tempo na constituição da pessoa, um fio identitário ancestral.

A oralidade vem sendo estudada nas comunidades de tradição oral e preserva importantes características de uma comunidade, mantendo viva a sua cultura, seus saberes e seus costumes. Embora haja pessoas que defendem que a tradição seja mantida através da escrita,

podemos ver exemplos de que a tradição oral é válida e muito importante. Tendo a oralidade como importante difusor de conhecimento, fazendo com que esses conhecimentos sejam passados para as gerações seguintes, a oralidade também pode ser um importante pilar na construção da identidade de crianças indígenas e em seus processos educativos.

Como vemos na narrativa PAS_NAR_001, o cacique Paul conta que as crianças aprendem na sala de aula sobre os alimentos que eram consumidos no passado, nos períodos em que o povo Kalankó passou por grandes dificuldades alimentares, na maioria das vezes, em períodos de seca. Os mais velhos insistem que isso seja falado na sala de aula, que pessoas da comunidade já tiveram como alimento araras, calangos, entre outros animais presentes na fauna sertaneja, em períodos de seca. Paulo diz também que os Kalankó gravam desenhos de uma arara nas ferramentas e instrumentos musicais, que são exibidos durante os jogos indígenas e conta para os espectadores o que significa aquela arara, espalhando a mensagem de que aquele é um dos animais de grande importância para a comunidade.

Podemos ver alguns exemplos de como esse conhecimento é transmitido através da palavra, na culinária Kalankó, apresentada pelo pajé Antônio (AFS_NAR_004). Em sua narrativa, o pajé fala sobre alguns alimentos que eram consumidos em períodos de seca, períodos em que havia uma escassez de alimentos e as pessoas da comunidade tinham que procurar alternativas de alimentos além das convencionais, conforme o texto abaixo:

“[...] Quando vinha uma estiagem longa, como eu não alcancei, essa parte mais... ouvi muito essa história de uma seca de 32, que existiu aqui, na região. Então, nosso povo, pelas experiências que tinha, eles... a alimentação, além da caça, a mistura eles arrumava o que tinha facilidade de arrumar, agora, quando se falava numa mão cheia de farinha e outra coisa pra alimentação, a alimentação deles, naquela época, nessa seca de 32, era o mucunã, que era conhecido como ‘olho de boi’, né [...]”. (AFS_NAR_004).

“[...] Uma semente nativa, que dá alimento e, no mesmo instante, é veneno. Se não souber lidar, mata até animal, se você pisar e jogar assim numa ‘manada’ de galinha, não fica uma [...]”. (AFS_NAR_004).

O pajé também faz um desabafo sobre os indígenas mais jovens, que boa parte não parece se interessar pelos costumes tradicionais da comunidade, que são, em boa parte, datas comemorativas, nas quais, de quinze em quinze dias ou de oito em oito dias, toda a comuni-

dade se reúne para dançar o toré¹, e na programação anual, que dançam o praiá². Como podemos ver no texto abaixo:

“[...] Hoje tem muitos, uma boa parte, principalmente jovens, mesmo a gente acompanhando e incentivando pra que não aconteça, mas sempre acontece, de, num dia de um ritual, uma maioria vem pro ritual, outros já vão... tem uma festa particular, que não tem nada a ver com ele, mas ele deixa de vir pro ritual e já vai pra uma festa particular, uma vaquejada, qualquer coisa que tenha um particular pra lá, que é de pessoas que já tem a tradição deles”. (AFS_NAR_004).

Na conversa com dona Jardilina (JMS_NAR_002), a moradora fala sobre as suas funções exercidas na aldeia e destaca a produção de remédios naturais, com produtos derivados da mata próxima à aldeia e que, mesmo sem todas as plantas necessárias para a produção de um determinado remédio, ainda é possível fazer algumas receitas naturais com algumas plantas que podem ser encontradas na região. Jardilina conta, no texto abaixo, que muitas pessoas procuram pela “medicina da natureza”:

“[...] É, eles tão procurando remédio mais de medicina da natureza. Mas remédio assim... de farmácia mesmo, se for uma coisa que num tenha jeito aqui Mas se tiver jeito, aqui mesmo, ninguém anda ‘precurando’ médico não [...]”. (JMS_NAR_002)

2.5. A narrativa

A narrativa, bem como conhecemos, não trata apenas de narrativas presentes em gêneros literários, a narrativa está atrelada à humanidade desde o princípio, baseada na tradição oral. Muitas histórias eram contadas, baseadas em episódios vividos por um determinado povo e que acabaram sobrevivendo por muito tempo e sendo imortalizadas na memória da humanidade, algumas, inclusive, estão presentes até hoje, em forma de narrativas orais e escritas.

Com a prevalência da tradição oral, era comum que as narrativas fossem contadas pelas pessoas mais velhas para as mais novas. O ouvinte, por sua vez, guardava esta narrativa,

¹ O toré uma prática realizada desde o “tempo dos antepassados”. É geralmente oferecido a um encantado e às vezes é realizado em comemoração a uma data especial. Trata-se de um ritual que conta com a participação de toda comunidade e pode contar com a presença de não-índios.

² O praiá é um canto masculino que só pode ser realizado nos terreiros.

repassava aos seus descendentes, e assim por diante. A interação é um fator muito importante para o uso corriqueiro da tradição oral como forma de troca de experiências, aquilo que é passado de pessoa para pessoa. De acordo com Roland Barthes (1981, p. 19),

São inúmeras as narrativas no mundo. A narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história [...].

A narrativa, como fala Barthes (1981), pode ser oral ou escrita, mas foi a forma oral que prevaleceu por muito tempo, sendo utilizada para disseminação e reprodução do conhecimento obtido pelos ancestrais e sendo repassado para as gerações mais jovens. O autor nos transmite uma noção de quão inúmeras são as formas de narrativas que a humanidade produz e já produziu, o quão importante é a narrativa para a história da humanidade. Barthes (1981, p. 27) afirma que

Não há em parte alguma povo algum sem narrativas; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, e mesmo opostas; a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura; a narrativa está aí, como a vida.

Com um número quase infinito de narrativas, também imaginamos as inúmeras formas de abordar as narrativas, visto que tudo vai depender do ponto de vista do qual vamos partir para fazer a abordagem, pois, como diz Barthes (1981, p. 28), “podemos procurar a estrutura da narrativa na própria narrativa”. Partindo da teoria literária, levando em consideração o pensamento de Barthes (1981, p. 28), podemos considerar as estruturas narrativas como bases para uma análise de determinado gênero narrativo:

A linguística fornece desde o princípio à análise estrutural da narrativa um conceito decisivo, porque, dando-se conta imediatamente do que é essencial em todo sistema de significação, a saber sua organização, permite por sua vez aplicar como uma narrativa não é uma simples soma de proposições e classificar a massa enorme de elementos que entram na composição de uma narrativa. Este conceito é o de nível de descrição (BARTHES, 1981, p.28).

A narrativa é diferente da descrição: quando narramos, partimos de um início, pois toda história possui um início, meio e um fim. As narrativas possuem algumas características, entre elas está a descrição, que é responsável por descrever um determinado espaço (local

onde a narrativa acontece), o período, o tempo em que esta narrativa acontece, se é em um passado distante ou em tempos atuais, até as características físicas de algumas pessoas ou personagens fictícios.

2.6. O narrador

A narrativa acompanha a humanidade desde os seus primórdios, a tradição oral possui uma grande ligação com a humanidade, pois a tradição oral, por muito tempo, até os dias atuais, é responsável pela disseminação do conhecimento, crenças e costumes de alguns povos, conhecimento esse que foi e é passado de geração para geração, fruto da interação entre as pessoas e das trocas de experiências.

A partir deste pensamento, podemos refletir sobre a figura do narrador, que é responsável por dar vida a uma narrativa, o que Walter Benjamin considera "a arte de narrar". É o narrador quem guia o ouvinte/leitor pelo caminho da narrativa, conta histórias incríveis, de lugares por onde andou, situações que testemunhou e, algumas vezes, trazendo novidades. O autor demonstra a sua preocupação com a arte de narrar:

E a experiência de que a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 1986, p. 198).

O autor justifica o pensamento dizendo que “as ações da experiência estão em baixa” (BENJAMIN, 1986, p. 198), como se as pessoas tivessem perdido a faculdade de narrar. Benjamin (1986) conta em outro trecho, dessa vez, utilizando como exemplo a guerra, mostrando como a influência de traumas, dessa dimensão, pode interferir na forma de como algumas pessoas podem enxergar o mundo e a maneira de como as pessoas podem sentir esse impacto nas experiências comunicáveis:

No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca (BENJAMIN, 1986, p. 198).

Vemos aqui o ponto de vista do autor com relação às histórias contadas oralmente e à experiência comunicável. Pensando dessa forma, podemos imaginar que o resultado desse acontecimento poderia fazer com que os soldados voltassem do campo de batalha com algumas histórias para contar, de forma oral. Porém, as histórias foram contadas apenas em livros. Como diz o autor: “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (Benjamin, 1986, p. 198).

Benjamin (1986) divide a figura do narrador em dois grupos: “o marinheiro viajante” e o “camponês sedentário”. O marinheiro comerciante é aquele que viaja bastante e traz consigo histórias e vivências que presenciou ao longo da sua jornada, “quem viaja tem muito o que contar”. O camponês sedentário é aquele que, por sua vez, não saiu do lugar onde viveu toda sua vida, mas possui os saberes da sua origem e tradição.

Quando há o encontro entre os dois tipos de narradores, a partir do momento que ocorre essa interação, podemos testemunhar aí uma troca de experiências, o marinheiro conta os saberes trazidos de terras distantes e o camponês recolhe este saber e, futuramente pode repassar os saberes adquiridos para os seus descendentes. O marinheiro, por sua vez, pode resgatar memórias do seu lugar de origem e sua cultura.

Partindo do pensamento de que a figura do narrador pode ser um conselheiro, Benjamin diz que “aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada”. Pensando dessa forma, na passagem “O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (Benjamin, 1986, p.200), nos remete ao pensamento de que o narrador possui a sabedoria, que é derivada da existência e da experiência, como a figura do narrador possui um conhecimento baseado na experiência, logo o narrador pode sim ser um conselheiro, pois possui a experiência e a sabedoria necessária para dar conselhos.

3. O POVO KALANKÓ E SUAS NARRATIVAS

A aldeia Kalankó está localizada na zona rural do município de Água Branca, alto sertão de Alagoas, na comunidade Lajeiro do Couro, com uma população de aproximadamente 500 pessoas que somam cerca de 54 famílias, de acordo com o levantamento do Pajé Antônio (NAR_AFS_004). Algumas dessas famílias vivem em comunidades vizinhas, como Sítio Quixabeira, Januária, e Santa Cruz do Deserto.

Foi reconhecida, como povo indígena, segundo o cacique e alguns moradores da aldeia, no dia 25 de julho de 1998. É contado pelo cacique da aldeia que, a partir deste momento, deu-se início à organização do povo Kalankó, antes conhecidos como “Cabôco” ou “Família Higino”, com reivindicações em relação à saúde, educação, reconhecimento e demarcação do território da comunidade indígena (PAS_NAR_001).

Por que “Kalankó”? Em conversa com o cacique (PAS_NAR_001), ele nos diz quais circunstâncias os levaram à escolha desse nome:

“E aí, muitos pesquisador, que já passaram por aqui, que sempre nos procura: ‘por que Kalankó?’, né, e aí é um nome que nós garantimos isso, porque nossos antepassado, é... aqui, as primeiras famílias que chegaram por aqui, eles se alimentaram muito com um réptil que chama “calango”, isso nas época, é... seco... hoje mesmo têm muitas crianças que ainda usam muito pra se alimentar, o calango, né, como se fosse qualquer outra carne”. (PAS_NAR_001)

A liderança da comunidade é organizada por dois líderes, o pajé e o cacique. O pajé é responsável pelas decisões tomadas para um melhor desenvolvimento da aldeia, sua organização e ordem. O pajé também é responsável pela organização no aspecto religioso, é ele quem está à frente dos rituais. Segundo Alexandre Herbetta (2005), que pesquisou na aldeia, nos anos de 2001, 2003 e 2005 (2005 foi a base da dissertação produzida por Herbetta para o seu mestrado, ano em que esteve mais conectado com a aldeia e coletou mais dados), diz que:

O pajé comanda os rituais, incentiva os valores tradicionais e media conflitos. Além disso, fica bastante atento ao cumprimento das ‘obrigações’ de cada pessoa, especialmente àquelas ligadas às práticas rituais. O cacique, por sua vez, leva as reivindicações da comunidade para fora, representando-a junto ao Estado e à sociedade nacional (HERBETTA, 2005, p. 67).

A partir da supervisão do pajé e do cacique, é que são organizadas todas as atividades das comunidades, sejam elas as distribuições de tarefas, monitorando para que cada pessoa execute a tarefa a que foi designada, como também a organização dos rituais. Herbetta (2005) nos diz ainda sobre quatro conselhos, que auxiliam o pajé e o cacique em suas decisões:

As decisões de ambos são legitimadas por quatro conselhos. O primeiro é chamado de Conselho Tribal e foca nas relações da comunidade com o exterior. O segundo se chama Conselho Local e diz respeito à resolução dos conflitos internos. É interessante notar como os integrantes dos conselhos, com raras exceções, são sempre os principais cantadores e dançadores. Desde 1999, existe o Conselho da Saúde que trata de assuntos relativos à Funasa. O quarto é o Conselho das Crianças, cujas atividades estão voltadas para o aprendizado dos valores Kalankó. Este conselho organiza todo mês a “Festa das Crianças” no terreiro de Lajeiro do Couro. Nesta festa, realiza-se um Toré no qual somente as crianças participam. É bastante comum a realização de apresentações infantis fora da aldeia” (HERBETTA, 2005, p.67).

Herbetta esteve na comunidade, em viagens a campo, nos meses outubro-novembro de 2001, agosto-setembro de 2003 e março-junho de 2005. Entre seus registros e observações, temos uma apresentação detalhada dos rituais realizados pelas pessoas da aldeia. Herbetta (2005, p. 101):

Há entre os Kalankó três rituais diferentes: o *Toré*, o *Praia* e o *Serviço de Chão*. Todos eles ocorrem preferencialmente à noite, mas também podem ser realizados durante o dia, e tem como figura central o pajé, que é líder e principal cantador das cerimônias. Em alguns casos, porém, o pajé pode transferir esta responsabilidade a uma outra pessoa de destaque da comunidade. As mulheres podem participar do *Toré* e do *Serviço de Chão*, mas não do *Praia*. Entretanto, são elas as responsáveis pela preparação das comidas e das pinturas corporais usadas em todos os rituais.

Herbetta (2005) conta que criou uma relação de amizade com os moradores da aldeia. Foi apresentado a todos como pesquisador e que iria ajudar a comunidade com registros de suas atividades que, posteriormente, poderiam ser divulgadas e devolver possivelmente um reconhecimento para a comunidade, como uma cultura diferente presente naquele lugar.

3.1. NARRATIVAS KALANKÓ: DESCRIÇÃO E COMENTÁRIOS

3.1.1. Narrativa 1: PAS_NAR_001

O primeiro arquivo de áudio registrado foi nomeado como “PAS_NAR_001”. Trata-se do registro em áudio da conversa com o cacique da aldeia, Paulo, do sexo masculino, com 43 anos de idade. Paulo atualmente é Cacique e ativista pela aldeia Kalankó, já esteve presente em reuniões nos estados de Maceió, Brasília, Goiás, entre outras cidades, reivindicando direitos indígenas e buscando a demarcação do território da aldeia. E ajuda o seu pai, Antônio (pajé) na liderança da aldeia, ajudando a tomar algumas decisões e guiando seu povo sobre assuntos políticos de interesse da comunidade.

O registro desta conversa foi feito na Unidade Básica de Saúde da aldeia. No dia 10 de fevereiro de 2020, às 8h. A narrativa equivale a 4m29s de gravação em áudio. A narrativa PAS_NAR_001 trata-se da primeira conversa, com a primeira pessoa que conversamos e que nos recebeu. O cacique Paulo nos conta como foi a chegada do povo Kalankó nas terras do município de Água Branca - AL, sobre toda a dificuldade do povo diante das adversidades presentes na chegada, desde a dificuldade causada pelo preconceito da população local por conta dos rituais presentes na cultura indígena, das dificuldades enfrentadas pela falta de comida e água, até o reconhecimento do povo Kalankó no município e no estado de Alagoas, no dia 25 de julho de 98. Nessa conversa, tivemos a apresentação da origem do nome Kalankó, antes conhecidos como “Cabôco” ou “Família Higino”, como vemos no texto abaixo:

“E aí, muitos pesquisador, que já passaram por aqui, que sempre nos procura: ‘por quê Kalankó?’, né, e aí é um nome que nós garantimos isso, porque nossos antepassado, é... aqui, as primeiras famílias que chegaram por aqui, eles se alimentaram muito com um réptil que chama “calango”, isso nas época, é... seco... hoje mesmo têm muitas crianças que ainda usam muito pa se alimentar o calango, né, como se fosse qualquer outra carne”. (PAS_NAR_001)

Paulo nos conta, também, sobre a organização da aldeia, envolvendo temas como saúde, educação e sobre o território, e faz questão de que a tradição dos seus antepassados seja ensinada às crianças, desde as atividades de recreação, até à sala de aula. O que deve garantir um reforço maior para que esta criança aprenda e preserve os costumes que são passados de geração para geração. Conforme o texto abaixo:

“Uma outra coisa que a gente garante aqui, hoje, pras criança, pra sala de aula, é arara, né, que na época, por aqui, tinha, que o pessoal, nossos antepassados usavam como alimentação também, pra comunidade. E hoje, a gente pratica, aqui, os jogos indígenas, arco-flecha, badoque, estilingue, a gente faz os desenhos de uma arara e conta para o povo o que significa aquela arara. Nós aqui, Kalankó, nós temos esses dois nomes de animais, que se “deparam” uma grande importância para a comunidade, entendeu?”. (PAS_NAR_001)

A partir do ponto de vista de Barthes (1981), vemos a prevalência da tradição oral e sua importância acontecendo na prática, pois, na própria sala de aula, prevalece a forma de transmissão de conhecimento pela interação entre as pessoas e os ensinamentos são passados dos mais velhos para os mais novos, até mesmo no ambiente escolar.

3.1.2. Narrativa 2: JMS_NAR_002

A segunda narrativa foi nomeada como “JMS_NAR_002”. Trata-se do registro em áudio da conversa com a moradora da aldeia, Jardimilina, do sexo feminino, com 64 anos de idade. Dona Jardimilina, por muito tempo, foi a curandeira da comunidade e auxiliava o pajé nos rituais de cura.

O registro desta conversa foi feito na residência da D. Jardimilina. No dia 10 de fevereiro de 2020, às 10h. A narrativa equivale a 4m25s de gravação em áudio. A narrativa JMS_NAR_002 trata-se de uma conversa que tivemos com a D. Jardimilina, em que, ao perguntar sobre as histórias da comunidade, lendas ou mitos, que ela poderia nos contar, ela conta que não foram muitas as histórias deixadas pelos seus antepassados, fala apenas das funções que eram destinadas a cada pessoa da aldeia, e as histórias que ela teve acesso, foram os rituais de cura e o tratamento de enfermidades a partir de plantas medicinais, coisa bastante corriqueira na aldeia. Além do preconceito enfrentado pela aldeia, por pessoas que não compreendiam seus costumes, danças e rituais, ela fala também, sobre as visitas de pessoas de outras aldeias e, até mesmo, de outras comunidades, que visitavam o povo Kalankó atrás da cura pra uma determinada doença. Como podemos ver no texto abaixo:

“Curavam muito o pessoal. Depois que a gente... esses negócio pa traz, era mei escondido, nera, não podia ser muito... o povo sabendo dessas coisas, porquê tem mui-

tas pessoa que eles “ficavu”... assim, encheno o saco da pessoa... aqueles pessoal que não entendia o que era, sabe, as coisa? Mas como a gente já entendia o que era o trabalho deles. Muita gente vinha de longe, pra se curar aqui, tinha gente que vinha de rede, de carro de boi. Nesse tempo tinha médico, mas era pouco... Sempre o pessoal procurava eles. Aí, daí pra cá, já tá com 20 anos, mais ou menos, que a gente foi reconhecido, aí foi, exbrandiu pra todo canto, pra toda sociedade, todo mundo sabe que nós existe aqui, aí todo mundo sabe que a gente tem essas cura, de fazer as cura pro povo, mas, de primeiro, era mei enrolado, aqui o pessoal não queria....”.
(JMS_NAR_002)

D. Jardimina tem muitos saberes preservados sobre plantas medicinais, utilizadas tanto para fazer banhos, quanto para serem consumidas, de acordo com o propósito da pessoa que busca a cura para o seu determinado problema. Outro fato que chamou a atenção foi a decoração da sua casa, que é composta por muitas peças artesanais: como estatuetas de madeira, representando os encantados e instrumentos musicais, produzidos na própria aldeia. A partir deste recorte, e retomando as palavras de Barthes (1981), testemunhamos a importância destes saberes não só para a aldeia e seus moradores, como também, para a humanidade.

3.1.3. Narrativa 3: ADS_NAR_003

O terceiro arquivo registrado “ADS_NAR_003”. Trata-se de um registro em áudio de uma conversa com Antônio da Silva, do sexo masculino, com 36 anos de idade. O registro desta conversa foi feito na residência do Sr. Antônio, no dia 10 de fevereiro de 2020, às 11h. A narrativa equivale a 8m49s de gravação em áudio. A conversa foi transcrita de maneira ortográfica.

Antônio, que já foi morador da aldeia, atualmente é secretário de saúde do município (2016 – 2021), nasceu na aldeia, pelas mãos da parteira local e, aos seis anos de idade, foi morar em uma fazenda, junto com o seu pai. Depois, retornou ao Lajeiro do Couro (povoado em que a aldeia está localizada), para terminar os estudos. Depois de concluir o ensino médio, Antônio conta que recebeu o convite do pajé, para auxiliar na organização da aldeia, junto com o pajé e o cacique. Visto que Antônio era o único com “leitura” e podia contribuir, de alguma forma, com a aldeia, fazendo leitura dos documentos que chegavam até às mãos do pajé e tomando conhecimento do que, de fato, se travava aquele documento e qual a sua importância.

Ao perguntar sobre como Antônio pensava os rituais durante sua infância, já que alguns rituais eram feitos longe das crianças, ele explica. Conforme o texto:

“Era como se fosse uma comemoração, sabe, porque a gente via a alegria, a diversão, principalmente no toré, nos rituais de cura não, aquilo era mais, naquela época, pra gente, era mais sigiloso, era outras pessoas que participava. Mas no toré, aquilo era uma prática do povo, ali, normal, que cresceu, aprendeu, vivendo aquilo e passava pra gente sem problema, aí hoje a gente vê a diferença da nossa comunidade com o ritual por isso. É uma coisa que, naquela época, a gente achava que era pra todo mundo, todo mundo fazia as mesmas coisas que a gente, aí quando começou a aprender as coisas do mundo, viu que aqui é uma coisa só nossa mesmo, uma coisa das comunidades indígenas, e aí foi onde eu comecei a aprender a diferenciar, que a gente tinha um costume, hábitos diferentes de outras comunidades. Mas, quando eu era pequeno lá, aquilo era uma prática comum pra gente, um negócio normal.”
(ADS_NAR_003)

Sobre a pergunta feita à maioria dos/das entrevistados/as, se ele conhece alguma lenda, mito ou história curiosa contada pelos seus antepassados, Antônio nos diz que o que foi passado pra ele, foram apenas as histórias sobre os encantados, que eles viviam na mata e vinham, durante o ritual, para curar o enfermo. Como podemos ver o texto abaixo:

A gente só... nos rituais mais de cura, só o que passavam pra gente era que ia ser curado porquê naquele ritual tava acontecendo, tava chamando os encatados, que viviam nas mata e eles vinham pra curar aquele enfermo, naquele ritual, mas nada mais do que isso não. Nem lenda, assim, não e nem nada nesse sentido.

Podemos utilizar o último trecho dessa entrevista para refletir sobre como a tradição oral é responsável pela disseminação e reprodução do conhecimento obtido dos seus ancestrais e repassado para as gerações mais novas, seguindo o pensamento de Barthes (1981).

3.1.4. Narrativa 4: AFS_NAR_004

Esse arquivo de áudio foi nomeado como “AFS_NAR_004”. Trata-se do registro em áudio da conversa com o pajé da aldeia, Antônio, do sexo masculino, com 64 anos de idade. O

registro desta conversa foi feito em uma área da aldeia em que é realizado o toré. No dia 18 de fevereiro de 2020, às 8h. A narrativa equivale a 3m48s de gravação em áudio. A conversa foi transcrita de maneira ortográfica. A narrativa é dividida em duas partes, por conta da mudança do foco durante o diálogo e ruídos que não tornaram possível o registro completo da conversa. Mas já na segunda parte, a conversa é retomada.

Nesta primeira conversa, o pajé fala sobre a origem da aldeia Kalankó, que já no tempo dos seus tios, por volta de 1840, famílias vindas do povo Pankararú, já habitavam a região sertaneja do estado de Alagoas, nas localidades pertencentes à Pariconha e Mata Grande. Conforme o texto:

“Aqui foi iniciado essa comunidade, que hoje ela tem cento e onze família, com um total de umas quatrocentas pessoas, membros da comunidade, foi iniciada com 3 famílias, três famílias chegaram aqui, de pankararú, por volta de mil oitocentos e “tara-rá”, que eu não tenho assim 100% a data certinho, mas é de 1840, por aí. Então, chegaram por aqui, nessa região, pingado dessa região do Pajaú, que pertence ali ao Pariconha, que era onde eles produziam as plantas de mandioca, né. Aqui, na época, não se plantavam essas coisas, que era caatinga, né? No caso, tinha as moradas, mas as roças era plantada na região serrana. Aí Pajaú, depois mudaram pra plantar aqui na Serra do Sobrado, Mata Grande, né?”. (AFS_NAR_004)

Atualmente a aldeia conta com o registro de 111 famílias, o pajé nos conta que muitas pessoas ainda não fizeram o registro na FUNAI, então o número de moradores da aldeia pode ser ainda maior.

3.1.4. Narrativa 4: AFS_NAR_004

Este arquivo de áudio registrado foi nomeado como “AFS_NAR_004”. Trata-se do registro em áudio da continuação da conversa com o pajé Antônio. O pajé nos conta como foi sua chegada ao município de Água Branca, e a dificuldade do povo Kalankó, o que consideramos uma verdadeira batalha pela sobrevivência dessas pessoas, durante a instalação da aldeia no município de Água Branca. Antônio relata a falta d’água como uma das principais dificuldades enfrentadas por ele e seu povo, pela distância que era percorrida para encontrar água, e, pior ainda, eram os períodos de estiagem, vale salientar que estamos falando do sertão alagoano, que tem como principal característica as altas temperaturas e a falta d’água. Antô-

nio fala, também, da falta de alimentos durante os períodos de longa estiagem, mas com ênfase na falta de água, o que ele considerava mais importante. Ele diz que “água é vida”. Como podemos ver no texto:

*“Então, cidadão, a gente, aqui, eu ainda alcancei, dentro desses sessenta e quatro ano, que eu posso dizer, que não completei os sessenta e cinco, grandes dificuldades pra sobrevivência, aqui, pra tudo. Isso era pra, no caso, de alimentação... uma das coisas mais que prejudicava aqui, era a falta d’água, que a gente ia ver lá na região de vocês, na Serra de Água Branca, em minas. Quem tinha um animal, um burrinho, uma égua, um jumento em casa, colocava uma cangaia e ia ver uma carguinha d’água, lá naquela região, pra tomar, principalmente nas estiagem, né.
(AFS_NAR_004)*

*Na época de inverno, tinha água permanente, aqui ali tinha um barreirinho pequeno, onde tinha “peda”, a gente dava o nome de “pia”, que hoje é “lavatório” em casa, né? É uma dificuldade que a gente mais encontrava aqui era água, que água é vida, se a gente tiver a comida e não tiver a água, não pode se alimentar, então era a dificuldade. Quando vinha uma estiagem longa, como eu não alcancei, essa parte mais... ouvi muito essa história de uma seca de 32, que existiu aqui, na região, então, nosso povo, pelas experiências que tinha, eles... a alimentação, além da caça, a mistura eles arrumava o que tinha facilidade de arrumar, agora, quando se falava numa mão cheia de farinha e outra coisa pra alimentação, a alimentação deles, naquela época, nessa seca de 32, era o mucunã, que era conhecido como “olho de boi”, né”.
(AFS_NAR_004)*

Ainda nesta conversa, o pajé nos conta quais são as atividades de lazer, o que fazem para se divertirem ou descontraír um pouco. O pajé fala sobre as danças do toré e o praia, dançadas de quinze em quinze dias ou de oito em oito, que também pode ocorrer fora do dia programado. Conforme o texto abaixo:

“Olha, lazer mesmo, os costumes nativos da gente, a gente tem datas e, fora de datas mesmo, a gente tem uma programação de quinze em quinze, oito em oito, a gente se ajuntar pra dançar o toré, então a gente tem uma programação anual, que é a dança do praiá, no terreiro, que no caso, aqui, a localidade é essa aí (terreiro). E o toré, não

é uma coisa, assim, anual, ela é permanente, é só a gente: “vamos dançar um toré hoje”, ajunta a comunidade, todo mundo se prepara e vai. Ali é nosso lazer, né”.

(AFS_NAR_004)

Perto do final da nossa conversa, o pajé cita a preocupação de manter os costumes e repassá-los para os mais jovens, conta que alguns jovens deixam de participar de uma atividade de lazer da própria comunidade para prestigiar festas de comunidades não indígenas como, por exemplo, uma vaquejada. Segue:

“Hoje tem muitos, uma boa parte, principalmente jovens, mesmo a gente acompanhando e incentivando pra que não aconteça, mas sempre acontece, de, num dia de um ritual, uma maioria vem pro ritual, outros já vão... tem uma festa particular, que não tem nada a ver com ele, mas ele deixa de vir pro ritual e já vai pra uma festa particular, uma vaquejada, qualquer coisa que tenha um particular pra lá, que é de pessoas que já tem a tradição deles, mas o indígena também passa na cabeça deles como um ser-humano que faz parte daquilo lá, ou convidado ou não, ele vai. Nossas atividades aqui é aberta. Nos dias de ritual, a gente recebe o indígena, que vem de outras áreas, como recebe o pessoal da cidade, é a mesma coisa, todos são bem vindos”.

(AFS_NAR_004)

O que nos remete ao pensamento de Benjamin (1986) , sobre as “ações da experiência estarem em baixa” testemunhando a diminuição das experiências comunicáveis, se esta interação com os jovens não está acontecendo. Há uma preocupação por parte do pajé de que, possivelmente, este jovem não demonstre interesse em desfrutar desta tradição e, consequentemente, não repassar aos futuros jovens.

3.1.5. Narrativa 5: AFS_NAR_005

O último arquivo de áudio registrado foi nomeado como “AFS_NAR_005”. Trata-se do registro em áudio de uma última conversa que tivemos com o pajé Antônio, do sexo masculino, com 64 anos de idade. Nesta conversa, Antônio nos fala sobre as funções do pajé, que exige muita responsabilidade e dedicação. O que chama a atenção durante a conversa é quando Antônio conta sobre a parte religiosa, como podemos ver na passagem abaixo:

“E, além de cuidar da nação, que aqui convive, tem a parte religiosa, que é pelear com a natureza, que não é fácil, é uma responsabilidade muito grande, que essa parte tem, porque tem que cuidar muito”. (AFS_NAR_005)

Assim como qualquer pessoa, o pajé também precisa descansar um pouco e relaxar a mente, e o que ele faz para descansar e distrair-se um pouco de suas obrigações, Seu Antônio gosta de viajar e passar um tempo com seus familiares e amigos, que moram no estado do Mato Grosso e, claro, o seu substituto (cacique) assume o posto de liderança da aldeia e auxilia os moradores em suas pautas e tomadas de decisões. Conforme vemos no texto:

“Eu, teve três anos, quase em seguida, que eu sempre saí seis mês, cinco mês, fiquei no Mato Grosso, pra tomar uma fuga na mente, né (risos), aí já tem pessoas que dá pra ir assumindo nesse pouco tempo”. (AFS_NAR_005)

Levando em consideração os pensamentos de Barthes (1981) e Benjamin (1986), vemos as características das narrativas e da narração sendo executadas no momento em que pedimos para que os Kalankó contassem suas histórias, fossem elas mitos ou lendas, o seu cotidiano na aldeia ou, até mesmo, sobre assuntos gerados na hora das entrevistas. Foram contadas histórias de um passado distante, o que inclui toda a chegada do povo Kalankó no município de Água Branca, até a explicação da origem do nome “Kalankó”, que possui um enorme significado para os indígenas dessa aldeia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tema se deu pelo nosso convívio com a comunidade Kalankó e todos os incentivos por parte do meio familiar e trajetória acadêmica, devido às aulas de Introdução às Línguas Indígenas e Fonologia do Português, ministradas pela Profa. Dra. Fábiana Fulni-ô. Foram disciplinas que serviram de base para a escolha do tema e que me deram uma grande noção do que seria pesquisar em uma comunidade indígena, a começar pela necessidade em saber se a comunidade possuía uma linguagem materna e saber como seria a relação dos Kalankó com a natureza, visto que grande parte dos suprimentos da comunidade vinha da própria natureza.

Pesquisar na aldeia Kalankó, foi como uma realização para mim, pude conversar mais a fundo com os moradores e moradoras da comunidade, permitiu-me ser curioso e tirar as dúvidas mais simples, como, por exemplo, de onde vinha o conhecimento sobre plantas e ervas medicinais, pois eu percebi que algumas doenças eram facilmente curadas com o uso de um determinado chá ou até mesmo a ingestão de alguma planta, seguido de cura daquela enfermidade.

Ao registrar, transcrever e analisar as narrativas dos moradores, podemos ver a história de luta do povo Kalankó, povo sofrido, que já passou por muitas dificuldades em períodos de seca, tendo que buscar alternativas de alimentos nada convencionais, que sofreu e sofre, desde aquela época, até os dias atuais, com o estigma criado a partir de sua etnia. Portanto, a história de origem e ancestralidade dos Kalankó é também uma história de resistência e sobrevivência.

O sentimento que tive é que isso tudo nos parece algo íntimo, algo que podemos contar apenas aos mais próximos, pessoas que temos afinidade e confiamos receber dentro de nossos lares. Foi como me senti ao ouvir as histórias do cacique Paulo, do pajé Antônio e do ex-morador da aldeia, Antônio Silva (ADS_NAR_003). Por mais que a caminhada desse povo possa ter sido sofrida, a comunidade Kalankó está viva, firme e resistente, sempre buscando e reivindicando os seus direitos, para que possam trazer prosperidade para o seu povo.

Dito isso, é de um aprendizado incrível os diálogos proporcionados por estas entrevistas, tanto na parte acadêmica, quanto na parte de experiências vividas, a tradição local nos apresenta uma aproximação com a ancestralidade e nos dá uma noção de como alguns saberes ainda são preservados, mesmo com todas as dificuldades enfrentadas pelo povo Kalankó, entre outros povos originários.

A documentação de narrativas possui grande importância para as comunidades de tradição oral, pois é através da documentação que podemos preservar estes aspectos culturais

presentes na cultura Kalankó e utilizar estes registros como transmissão de saberes, fazendo com que as futuras gerações tenham acesso ao conhecimento deixado pelo seu povo. Ressaltamos aqui, também, a importância da tecnologia no trabalho de documentação, uma vez que podemos fazer tanto registros com mais praticidade, quanto armazenar as coletas de maneira mais segura.

Esperamos que, com a produção deste trabalho, outros pesquisadores possam se interessar pela cultura Kalankó, realizando pesquisas ou, simplesmente, buscar conhecer a comunidade. Claro, com as autorizações necessárias para terem acesso ao local. O trabalho também ficará inteiramente à disposição da comunidade, para servir de base para estudos futuros que possam ocorrer dentro da própria comunidade, por moradores ou para ser consultado assim que os moradores acharem necessário.

Com a finalização do presente trabalho, esperamos que o uso do banco de dados que foi levantado com as coletas e análises feitas durante a pesquisa possam auxiliar de alguma forma na construção da identidade das crianças indígenas e em seus processos educativos, para que possam concluir os seus processos educacionais sem distanciarem-se do conhecimento obtido a partir das gerações anteriores, que não deixa de possuir uma relevância ímpar.

Assim, acreditamos que esse trabalho contribui para uma melhor compreensão de uma documentação de narrativas, como também nos faz pensar sobre a importância que o trabalho de documentação de narrativas possui, dando uma maior visibilidade para a problemática que é o apagamento e esquecimento dessas culturas. Portanto, como contrapartida a essa problemática, buscamos trazer os olhares para as comunidades de tradições orais, acreditamos que esses registros serão úteis para muitos estudos sobre a cultura Kalankó e para a preservação de suas tradições.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; PEREIRA, Vera Wannmacher. In: **Pesquisa em Letras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

BARTHES, Roland et al. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. Tradução Maria Zélia Barbosa Pinto. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. **Magia e técnica, arte e política**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DRUDE, Sebastian. **Documentação Linguística: O formato de anotação de textos**. CCH – Museu Paraense Emílio Goeldi Caixa Postal 399 – 66.040-170 – Belém – PA – Brasil, & FREIE UNIVERSITÄT BERLIN – Alemanha, 2006.

EBERHARD, David M. **Em Defesa das Línguas Minoritárias do Brasil**, Associação Internacional de Linguística SIL -- Brasil Anápolis – GO, 2013.

FERNANDES, Patricia Damasceno; COSTA, Natalina Sierra Assêncio. A Tecnologia a Favor da Preservação das Línguas Indígenas. **Web-Revista, SOCIODIALETO**, v. 5, n. 15, 2015.

FRANCHETTO, Bruna. A comunidade Indígena como Agente da Documentação linguística. **Revista de Estudos e Pesquisas**, v.4, n.1, 2007

HERBETTA, Alexandre Ferraz. **A “idioma” dos índios Kalankó: por uma etnografia da música no alto sertão alagoano**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Departamento de Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

HERBETTA, Alexandre Ferraz. **Kalankó**. Povos indígenas no Brasil. Disponível em: < <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kalank%C3%B3> >. Acesso em: 25 mar. 2020.

IPHAN. Guia de pesquisa e documentação para o INDL: patrimônio cultural e diversidade linguística / pesquisa. Brasília, DF: Iphan, 2014.

LIMA, Aida Suellen Galvão; CASTRO, José Guilherme de Oliveira. Vozes que Contam: Narrativas Oraís e Históricas dos Imigrantes de Paragominas – Pa. **Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL**, 2014.

MOORE, Denny; GALUCIO, Ana Vilacy; GABAS JR, Nílson. O Desafio de Documentar e Preservar as Línguas Amazônicas. *Scientific American (Brasil) Amazônia (A Floresta e o Futuro)*, 3. 36-43, 2006. Disponível em: <http://saturno.museugoeldi.br/lingmpeg/portal/downloads/publicacoes/desafio-de-documentar-e-preservar-mooregalucio-gabas.pdf>

PINTO, Estêvão. **Estórias e Lendas Indígenas**. Secção E (História e Geografia), secção, Geografia e História 15. Recife: Faculdade de Filosofia de Pernambuco, Universidade do Recife Brasil, 1955.

SÁ, Elvis Ferreira de. **Documentação de Narrativas de Anciãos Fulni-ô**. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística/PPGLL da Universidade Federal de Alagoas/UFAL. Maceió, 2017.

SILVA, Daniela Barros Pontes e. Educação, resistências e tradição oral: a transmissão de saberes pela oralidade de matriz africana nas culturas populares, povos e comunidades tradicionais. 2017. 217 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SILVA, Fábila Pereira. A organização prosódica do Yaathe, a língua do povo Fulni-ô. (Tese de Doutorado). Maceió: Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística/FALE/UFAL, 2016.

SILVA, Fábila; COSTA, Januacele; OLIVEIRA JR, Miguel. Povo Fulni-ô: Documentando sua língua e sua cultura. CNPQ, EDITAL MCT/CNPQ N. 014/2010– UNIVERSAL (PROCESSO NO 475763/2010-6) UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, UFAL, 2010

ANEXOS